

**TATIANA ENGEL GERHARDT** - Professora, Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; doutora em Antropologia Social pela Université de Bordeaux 2, França; coordenadora do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva/UFRGS e pesquisadora do LAPPIS. Endereço eletrônico: tatiana.gerhardt@ufrgs.br

**THAMYRES PEREIRA LIMA** - Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS/IHAC/UFBA). Endereço eletrônico: thamy.pl@hotmail.com

**TONYA SAMUEL, MSPH** - Arthur Ashe Instituto de Saúde Urbana, Nova York, EUA.

**YEIMI A. ALZATE LÓPEZ** - Antropóloga; doutora em Saúde Pública; pesquisadora do FASA/ISC/UFBA. Endereço eletrônico: yeimi79@gmail.com

## APRESENTAÇÃO

### Contextos, parcerias e itinerários na produção do cuidado integral: diversidade e interseções

LENY ALVES BOMFIM TRAD

MARIA SALETE BESSA JORGE

ROSENI PINHEIRO

CLARICE SANTOS MOTA

ANA ANGÉLICA RIBEIRO DE MENESES E ROCHA

Como abordar integralidade em um contexto onde prevalece a pluralidade de modos de vida, racionalidades e práticas de saúde, assim como itinerários plurais na busca pelo cuidado? Tal questão constitui uma das fontes de inspiração da presente coletânea. Parte-se do pressuposto de que as experiências de efetivação da integralidade em saúde podem se manifestar e se desenvolver de diversas formas, de modo que a pluralidade de arranjos e estratégias ganha relevo considerável (PINHEIRO; ASENSI, 2013).<sup>1</sup> Na prática, isso significa assumir a questão do cuidado como direito humano à saúde, cuja natureza ético-epistêmica configura-se no amálgama que caracteriza a condição humana. Na luta por direitos, impõe-se a compreensão de que a busca por cuidado não se limita ao direito de “ter saúde”, mas a seu direito de “ser” na saúde.

Há que se considerar, por certo, não apenas o modo peculiar como indivíduos, famílias, comunidades ou serviços de saúde se mobilizam em torno da produção do cuidado, como também as racionalidades, dispositivos e práticas acionadas nesse processo, os quais operam de modos mais ou menos harmônicos ou conflitivos. Neste sentido, a análise de itinerários terapêuticos, além de contribuir

<sup>1</sup> PINHEIRO, R; ASENSI, F. D. *GT Direito à Saúde - Integralidade, Responsabilidade Pública e Diversidade na Saúde Coletiva* (ementa). In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM SAÚDE, 6. Rio de Janeiro: UERJ/Abrasco, 2013.

para a compreensão da diversidade de sentidos, contextos e práticas mobilizadas em torno do complexo saúde-doença-cuidado, tem favorecido a produção de evidências sobre a disponibilidade ou distribuição de recursos sociais e sanitários, indicando condições de acesso e acessibilidade à rede de atenção em contextos determinados.

O interesse, ou melhor, a valorização da diversidade, orientou também o espectro teórico e metodológico da obra e a seleção dos capítulos, que combinam resultados de pesquisa e ensaios teóricos. Em muitos deles, prevalece uma abordagem interdisciplinar ou, para além dela, o trânsito entre múltiplos saberes, não necessariamente disciplinares. A despeito da diversidade de argumentos e percursos metodológicos, os trabalhos comungam de um solo epistemológico comum, qual seja, de que os sentidos experiências presentes no mundo da vida e a complexidade da realidade social demandam escutas e olhares sensíveis e uma implicação de pesquisadores e outros atores envolvidos nos trabalhos em foco frente aos problemas abordados.

Os trabalhos aqui reunidos são produto de um esforço coletivo dos integrantes do Programa Integrado de Pesquisa, Ensino e Extensão Comunidade, Família e Saúde (FASA), do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, e de parcerias estabelecidas ao longo de sua trajetória. Celebrando 15 anos de atuação, o FASA vem investindo em projetos que buscam compreender as práticas e concepções de saúde, analisadas em seus contextos macro e microestruturais, no esforço de discutir necessidades de saúde de grupos sociais distintos, de modo compartilhado com os grupos em questão.

Estabelece-se, assim, um diálogo permanente com a comunidade – sociedade civil, movimentos sociais, representações de bairro – não só na produção de dados, mas na análise dos produtos das pesquisas, que são devolvidos à comunidade e discutidos com seus interlocutores. Torna-se imperativo, no bojo da sua agenda de trabalho, considerar o enfrentamento efetivo dos processos de exclusão social e iniquidade racial que persistem aqui e alhures.

Ao longo dos anos, importantes desdobramentos dos debates e parcerias foram produzidos no interior do FASA. Na produção desta obra destacam-se, particularmente, as parcerias estabelecidas no bojo de dois projetos: (1) *Ações de qualidade para o SUS em serviços hospitalares*

*e de atenção à saúde no Distrito Sanitário da Liberdade (DSL)*, fruto de parceria entre o ISC e o Hospital Ana Nery; (2) *Família e condições crônicas: explorando itinerários terapêuticos, redes sócio-assistenciais e acessibilidade* (PROCAD-MCTI/CNPQ/MEC/Capes), resultado de parceria entre o ISC e o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UECE. Ademais, a articulação com o Laboratório de Pesquisas sobre Práticas de Integralidade em Saúde (LAPPIS-IMS/UERJ) tem rendido frutos importantes de cooperação com o FASA, corroborada por alguns textos aqui presentes.

Foram oportunizadas também publicações com parceiros internacionais, com destaque para o Brooklyn Health Disparities Center, cuja atuação se centra na articulação entre universidade, comunidade e serviços de saúde, priorizando a população afro-latina, e o Laboratório de Pesquisa Pacte (Universidade de Grenoble), que tem abordado, entre outros temas, a inter-relações entre vulnerabilidade social e itinerários terapêuticos. Finalmente, a coletânea acolhe trabalhos derivados de dissertações e teses de alunos de pós-graduação vinculados ao FASA e os parceiros referidos.

Na definição do escopo da obra, considerou-se como eixo estruturante e transversal a discussão em torno de perspectivas teórico-metodológicas que têm orientado pesquisas comprometidas com processos de intervenção social e a participação ativa dos atores sociais diretamente relacionados com os fenômenos investigados. Para fins de organização, a obra foi dividida em três partes: (1) Parcerias na construção do cuidado; (2) Contextos e tecnologias do cuidado; e (3) Itinerários terapêuticos – múltiplos sentidos e contextos.

A primeira parte explora os desafios e possibilidades na construção de uma agenda conjunta entre a universidade com seus propósitos acadêmicos e diferentes parceiros, como gestores, serviços de saúde, movimentos sociais etc. Reunindo seis textos de fôlego, é possível identificar um solo epistemológico-prático para o desenvolvimento de pesquisas mais porosas às dinâmicas de processos institucionais acadêmicos científicos e suas repercussões nas práticas de saúde na sociedade em que se insere. Vejamos:

O capítulo inicial, “Pesquisa *versus* ação? Pesquisador *versus* comunidade? Engajamento, interferências e participação em pesquisas

na Saúde Coletiva”, discute dois enfoques teóricos que dão sustentação à realização dessas parcerias: pesquisa-ação e pesquisa-ação participativa. Apresenta, portanto, o contexto de produção dessas duas vertentes, evocando debates de natureza ética e política no campo da pesquisa social. O segundo, “A construção da pesquisa em rede: um ensaio sobre as ‘interações’ entre universidade e serviços de saúde”, segue aprofundando a questão da relação entre a universidade e outros autores sociais, chamando a atenção para o papel da universidade na construção do conhecimento e do trabalho em saúde. O terceiro texto, “As estratégias de integração ensino-serviços em saúde: a experiência da cooperação técnica do Instituto de Saúde Coletiva/UFBA, Hospital Ana Nery e Distrito Sanitário da Liberdade em Salvador, Bahia”, apresenta uma experiência concreta de interação entre a universidade e um distrito sanitário, discutindo os impactos da parceria entre estudantes e professores com trabalhadores, gestores e usuários dos serviços na melhoria da atenção à saúde e na formação profissional. A partir dessa experiência, discutem-se a produção de saberes e a interdisciplinaridade na construção do Sistema Único de Saúde rumo à construção de uma rede integral. Já no quarto capítulo, “A integralidade no cuidado às pessoas com doença falciforme: gestão e pesquisa em dois contextos de vulnerabilidade”, destaca-se a importância em fomentar, potencializar e refinar iniciativas de articulação e cooperação entre espaços e sujeitos da pesquisa e da gestão ou da produção do cuidado nos serviços de saúde e em outros contextos sociais. No texto seguinte, “Projeto ‘Pé Diabético’: experiência-piloto de articulação de uma rede de cuidado integral em um distrito sanitário de Salvador”, encontramos a articulação ensino-serviço em contextos de cronicidade, a partir do diálogo entre a universidade e um hospital de grande porte. Ao afirmar a importância das ações de promoção, prevenção e cuidado sobre o pé diabético, evitando as altas taxas de ulceração e/ou amputação, o texto reflete sobre os problemas de acesso e acessibilidade aos serviços de saúde e ações voltadas ao diabético. Finalizando a primeira parte do livro, são abordados o desenvolvimento e o teste da eficácia de um currículo de saúde projetado para treinar barbeiros como multiplicadores na disseminação de informações sobre controle do câncer de próstata

a seus clientes, em “Os barbeiros como defensores leigos da saúde: desenvolvendo um currículo em câncer de próstata”. Nessa tarefa, é ressaltada a oportunidade de se valorizar o ambiente natural de atuação dos barbeiros e suas habilidades de comunicação.

A segunda parte da obra explora, em seus seis textos, tanto conceitual, quanto empiricamente, a relação entre os diferentes contextos e tecnologias do cuidado. A reflexão teórica está presente no primeiro capítulo, que toma como ponto de partida o conceito de redes sociais de suporte, discutindo três perspectivas teóricas para análise (“Redes sociais de suporte: pontes entre a família e outros contextos de atenção”). Fruto de uma pesquisa empírica, o texto seguinte, “Ressignificando o acolhimento nos serviços de saúde: os dois lados da ‘recepção’”, problematiza o conceito de acolhimento como tecnologia de saúde, trazendo à reflexão questões relativas ao acesso ou acessibilidade, especialmente nos casos de doenças crônicas. Mais uma pesquisa empírica traz importantes reflexões em torno da gestão do cuidado, discutindo integralidade na (re)organização dos serviços de saúde e das políticas específicas: “O itinerário da paternidade e a integralidade do cuidado no contexto de uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: contribuições para gestão do cuidado”. Nele, o itinerário da paternidade foi analisado a partir de uma abordagem da fenomenologia sociológica, como forma de criar visibilidade do usuário e de suas redes sociais.

Os últimos textos desta seção exploram produção do cuidado em três contextos: da saúde mental, do cuidado alimentar e do fenômeno da dengue nos ambientes urbanos. São frutos de um esforço empírico em conhecer a perspectiva dos atores sociais para melhor compreender a tríade saúde-doença-cuidado. O texto que explora o contexto dos serviços de saúde mental, “Ampliando a escuta de crianças e suas famílias em serviços de saúde mental”, aborda a importância do diálogo entre profissional de saúde, família e criança, para que o diagnóstico seja estabelecido de forma mais precisa, descartando os riscos de patologizar comportamentos. A partir desta perspectiva, a escuta da criança e de sua família passa a ser uma ferramenta fundamental, principalmente a escuta da criança, já que muitas vezes os pais consideram atitudes comportamentais como um quadro patológico,

não levando em consideração aspectos biopsicossociais envolvidos. No capítulo seguinte, vêm à tona as preocupações acerca dos sentidos que o cuidado assume durante as práticas alimentares, em particular, nas políticas de alimentação e nutrição, problematizando seus limites em dois lócus distintos de práticas alimentares: “O cuidado alimentar e seus reflexos em duas esferas do cotidiano”. Finalizando este segmento, “A influência do contexto na produção do cuidado com o dengue em uma comunidade do bairro Mondubim, Fortaleza: uma aproximação histórico-etnográfica” discute a percepção do ambiente circundante como um dos fatores fundamentais para avaliar como as pessoas lidam com os principais problemas responsáveis pelo surgimento de doenças, enfatizando os contextos urbanos.

A terceira parte da coletânea se debruça mais profundamente sobre a questão dos itinerários terapêuticos (IT), trazendo contribuições teóricas relevantes, além de experiências de pesquisas empíricas que realçam as imbricações entre dimensões simbólicas e materiais em processos relativos à produção do cuidado. O primeiro capítulo, “Sobre itinerários terapêuticos em contextos de iniquidade social: desafios e perspectivas contemporâneas”, aborda o conceito de IT para pensar os determinantes sociais em saúde em contextos de iniquidade social. “Estatuto epistemológico dos conceitos de itinerário e vulnerabilidade” dá prosseguimento à reflexão sobre o conceito de itinerários terapêuticos em contextos de vulnerabilidade. Partindo de histórias de vida, percursos e trajetórias, propõe a renovação da sociologia e uma abertura para compreender as formas de vida e os conflitos que se manifestam nas sociedades contemporâneas. Ao mesmo tempo, aborda uma nova maneira de apreender as relações entre indivíduos e instituições, onde estas produzem normas e julgamentos que fundam a ordem social de sociedades democráticas, tornando-se elementos constitutivos dos itinerários individuais e coletivos. A aplicação do conceito de itinerários terapêuticos está presente no terceiro capítulo desta seção, “O adoecer de dengue: a reconstrução do itinerário terapêutico para o reconhecimento do desafio na atenção à saúde”, no qual se discute a peregrinação de pacientes com dengue na busca de tratamento resolutivo, imediato e integral. Os achados desta pesquisa permitem refletir sobre a atenção à saúde, a partir da

assistência pela equipe multiprofissional, da organização dos serviços de saúde e das redes de apoio vivenciadas.

Os dois capítulos subsequentes trazem uma análise dos itinerários terapêuticos de pessoas em sofrimento mental. O primeiro, “Itinerários terapêuticos de famílias em busca de cuidado para os problemas de saúde mental”, retrata a complexidade da busca por cuidado diante do transtorno mental, cuja análise não deve se limitar à descrição do acesso ou caminho percorrido pela pessoa, pois deve levar em consideração o contexto sociocultural em que se situam os sujeitos, a disponibilidade de serviços de saúde e alternativas nas elaborações e implementações das trajetórias. A seguir, “Contexto familiar de um adolescente usuário de *crack* e a busca pelo cuidado: uso de ecomapa” aborda as narrativas sobre as trajetórias do adolescente em uso de *crack* na busca pelo cuidado com experiências e vivências de dois interlocutores: um adolescente de 17 que realizava acompanhamento no CAPS devido ao uso de *crack* e sua mãe. Trata-se, desta forma, de um estudo de caso em que é possível observar a relação familiar, bem como os serviços buscados pela família.

Por fim, as experiências etnográficas da dimensão do cuidado presente nas redes de religiosas (notadamente as de raízes africanas) aparecem em pesquisas de cunho antropológico, circunscritas especialmente no contexto do candomblé. O fruto de diferentes pesquisas apresenta o universo religioso, onde operam trocas materiais e simbólicas, tecendo uma rede de cuidado. O engajamento religioso no universo do candomblé tem se revelado um meio eficaz para a diluição dos riscos de exclusão social, particularmente em casos de situação de vulnerabilidade financeira e social e de discriminação racial. Aqui podem ser encontrados círculos de reciprocidade e sociabilidade que abrangem os espaços religiosos, famílias, a vizinhança, ONGs, etc. Nessa linha, dois capítulos abordam as concepções e práticas do cuidado em terreiros de candomblé, explorando sentidos e significados presentes nesse contexto religioso. Um mais centrado no papel da família de santo enquanto lócus de produção de cuidado – “Cuidar do orixá é cuidar de si’: notas sobre o cuidado na família de santo em terreiros de candomblé” – e outro explorando as diferentes estratégias de cuidado presentes nos terreiros compreendidas dentro da própria

cosmologia religiosa – “Concepções e práticas do cuidado em um terreiro de candomblé”.

O encerramento do livro se dá com um texto que discute a problemática do suicídio e de como este se apresentou nas narrativas de adeptos do candomblé, em especial do grupo denominado “*abiku*” – “os nascidos para morrer” – “*Abikus* de candomblé e sentidos de suicídio”. Um tema desconcertante que, no limite, subverte sentidos recorrentes em torno das noções de cuidado ou de itinerário terapêutico, ambas orientadas pela valorização da vida.

Convidamos então os leitores, sujeitos da ciência, sujeitos da vida, aos que transitam por contextos e práxis as mais diversas, no campo social e da saúde, a dialogar e debater conosco. Seja na aproximação com abordagens ou resultados de pesquisa, os quais podem ser sempre reinterpretados, questionados e/ou abrir caminho para novas perguntas. Seja no compartilhamento de experiências de trânsitos e parcerias criativas e potentes entre universidade, serviços de saúde e comunidade, sedimentadas pelo compromisso com a integralidade.

## PARTE 1

### Parcerias na construção do cuidado